

## **Desinformação e inteligência artificial: perspectivas, reflexões e potencialidades de estudo para o campo comunicacional<sup>1</sup>**

Ana Carolina Monari<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

### **RESUMO**

Este trabalho investiga como os pesquisadores têm estudado os impactos da desinformação gerada por realidades sintéticas. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre desinformação e inteligência artificial nas bases Scopus e Scielo, analisando as temáticas exploradas e identificando possíveis potencialidades de estudo para a comunicação. Os resultados indicam que a maioria das pesquisas faz uma discussão mais teórica sobre o tema ou foca em soluções tecnológicas, sem considerar o entendimento do problema a partir da perspectiva dos usuários. A comunicação pode contribuir para essa compreensão, especialmente em abordagens interdisciplinares.

**PALAVRAS-CHAVE:** desinformação; realidades sintéticas; inteligência artificial; comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

O Relatório de Riscos Globais do Fórum Mundial Econômico (2024) elegeu a desinformação como o risco global mais grave a ser enfrentado nos próximos dois anos. Segundo o documento, isso está sendo impulsionado pelo avanço e popularização da tecnologia, como maior acesso à internet, às redes sociais digitais e à inteligência artificial (IA). Em relação ao último tópico, a organização alerta para o fato de que tecnologias de IA não requerem mais um conhecimento técnico profundo para serem utilizadas, o que faz com que qualquer pessoa consiga criar realidades sintéticas de forma rápida e fácil.

Realidades sintéticas podem ser definidas como qualquer criação ou amplificação digital contextualmente gerada por métodos de IA (Cardenuto et al., 2023). Essas técnicas/modelos são baseadas em grandes quantidades de dados, o que resulta em uma nova “realidade” ou narrativa, a despeito da intenção de enganar o indivíduo. É um tipo de conteúdo que contempla um amplo conjunto de usos e intenções, que vão desde a promoção de experiências positivas até utilizações mais questionáveis, como conteúdos enganosos e desinformativos, propaganda e manipulação (Moreira et al., 2024).

Considerando que nos próximos anos, cerca de 90% do conteúdo digital será sintético (Cardenuto et al., 2023), é importante compreender quais os impactos que as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT23SE – Inteligência Artificial: usos e perspectivas críticas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Pesquisadora de pós-doutorado do Recod.ai, Laboratório de Inteligência Artificial da Unicamp, email: capmonari@gmail.com.

realidades sintéticas podem ocasionar na sociedade, especialmente no que se refere à produção, circulação e disseminação de (des)informação nas mídias sociais.

Diante disso, passamos a nos indagar: como os pesquisadores têm se dedicado a investigar esse fenômeno? Este trabalho tem como objetivo, portanto, realizar uma pesquisa bibliográfica (Fonseca, 2002) sobre a produção de artigos científicos sobre desinformação e inteligência artificial, buscando compreender as particularidades e temáticas exploradas pelos cientistas sobre o assunto, além de identificar possíveis potencialidades de estudo para o campo da comunicação.

## METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais já elaborados, como livros e artigos, para analisar as principais contribuições teóricas sobre um tema (Fonseca, 2002). Essencial em qualquer estudo científico (Köche, 2011), ela orientou nossa busca por artigos em duas bases: Scopus, por ser um dos maiores bancos de dados do mundo, e Scielo, por abranger periódicos acadêmicos brasileiros de diversas áreas.

Como uma primeira etapa, fizemos uma busca em ambas as plataformas no dia 27/03/2025 por meio das palavras-chave: *desinformação* OR *disinformación* OR *disinformation* OR *misinformation* OR *mal-information* OR *desinforma* OR *misinforma* OR *malinforma* AND *inteligência artificial* OR *IA* OR *artificial intelligence* OR *inteligencia artificial* OR *realidades sintéticas* OR *synthetic realities* OR *AI*.

Uma coisa nos chamou atenção já nas primeiras análises: embora o volume de pesquisas sobre desinformação tenha crescido nos últimos anos, em razão da pandemia de covid-19, o número de artigos científicos sobre desinformação e inteligência artificial e/ou realidades sintéticas ainda é pequeno. No Scielo, por exemplo, a nossa busca retornou apenas 3 resultados; na Scopus, somente um.

Tabela 1 – Artigos coletados nas bases Scielo e Scopus

Base de dados	Ano	Autor(es)	Título	Periódico
Scopus	2023	Montoro-Montarroso et al.	Fighting disinformation with artificial intelligence: fundamentals, advances and challenges	Profesional de la Información

Scielo	2024	Barroso; Campos- Mello	Inteligência artificial: promessas, riscos e regulação	Revista Direito e Práxis
Scielo	2024	Ferreira Marques; Alves	Entre regimes de informação e desinformação: modos de produção informacional na contemporaneidade	Perspectivas em Ciências da Informação
Scielo	2024	Alcoforado et al.	Democracia aumentada: inteligência artificial como ferramenta de combate à desinformação	Estudos Avançados

Fonte: elaborado pela autora, 2025.

Após essa primeira classificação, realizamos uma leitura detalhada dos artigos para compreender os pontos de vista dos autores. Essa etapa qualitativa permitiu identificar se os estudos eram teóricos, exploratórios ou aplicados, quais perspectivas teóricas adotavam, se envolviam ferramentas tecnológicas e se discutiam o papel da IA na propagação ou combate à desinformação etc.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra demonstrou que metade dos artigos era oriundo de perspectivas adotadas pela Ciência da Computação (Montoro-Montarosso et al., 2023; Alcoforado et al., 2024), sendo a outra metade proveniente do campo do Direito (Barroso; Mello, 2024) e da Ciência da Informação (Marques; Alves, 2024). Em relação ao tipo de pesquisa, um deles trazia uma investigação mais aplicada, com um estudo de caso de uma ferramenta tecnológica para o combate à desinformação sintética (Alcoforado et al., 2024), dois focavam em discussões mais teóricas e reflexivas sobre o assunto (Barroso; Mello, 2024; Marques; Alves, 2024) e um fazia uma apresentação mais ampla do tema por meio de uma revisão de literatura (Montoro-Montarosso et al., 2023).

Este último é o caso do único artigo retornado pela busca na Scopus. Montoro-Montarosso et al. (2023) se utilizaram dessa metodologia para apresentar os usos da IA e as técnicas de *machine learning* (ML) no combate à desinformação, indo desde a sua classificação automática até a extração de recursos, bem como sua função na criação de conteúdo sintético realista. Para os autores, os avanços em ML têm se pautado principalmente na classificação automática de conteúdo e são pouco adotados fora da

academia devido à sua dependência de conjunto de dados com escopos limitados. Em suas considerações finais, eles defendem que os esforços de pesquisa devem ser redirecionados para o desenvolvimento de sistemas baseados em IA que sejam confiáveis e que apoiem os seres humanos na detecção precoce da desinformação, ao invés de soluções totalmente automatizadas.

Os artigos retornados na busca do Scielo apontam, por outro lado, para uma discussão mais teórica sobre as implicações que a IA pode ocasionar para o ecossistema da desinformação – a exceção é o trabalho de Alcoforado et al. (2024), que apresenta um estudo de caso de um dispositivo de IA que dá acesso a documentos políticos públicos com o objetivo de tornar as informações mais acessíveis aos cidadãos e, com isso, combater os impactos desse fenômeno.

Marques e Alves (2024) discutem, por exemplo, a composição do que seria um regime de desinformação, tendo em mente a conjuntura em que estamos inseridos, que contempla relações humanas, sistemas de IA e plataformas sociodigitais e diferentes modos de produção, compartilhamento e acesso às informações. Eles explicam que todo esse contexto é marcado por uma ambiência de poder e política que, enquanto recurso estratégico, assegura contextos socioculturais e modos de governança mediados pela desinformação. No texto, eles defendem que as IAs são narrativas de um regime de desinformação (Marques; Alves, 2024), uma vez que a curadoria dos conteúdos circulados nas mídias sociais é feita por algoritmos que privilegiam aqueles que estão de acordo com o valor-algoritmo, que tem como lógica o mercado e retorno financeiro das plataformas.

Já Barroso e Mello (2024) trazem em seu trabalho os benefícios da IA para a sociedade (ampliação da capacidade decisória humana, automação, avanços em pesquisa e inovação, medicina e educação etc.) e seus possíveis malefícios (impactos sobre o mercado de trabalho, utilização para fins bélicos, massificação da desinformação e violação dos direitos humanos). Entretanto, a desinformação aparece apenas de forma sucinta, especialmente quando o assunto é o risco desencadeado pela sua massificação. De acordo com os autores, a IA tem o potencial de deixar o cenário desinformacional, que já é ruim desde o evento do Brexit, ainda pior. Para isso, eles citam como exemplo o fenômeno das *deepfakes*, que simulam pessoas falando coisas que jamais disseram, adulterando conteúdos e realidades de forma imperceptível para o cidadão.

Embora sejam feitas discussões teóricas sobre o assunto e sejam, até mesmo, divulgadas soluções tecnológicas para a resolução do problema, os dados coletados demonstram que ainda são poucas as pesquisas que abordam a questão dos impactos da desinformação, especialmente aquela promovida por realidades sintéticas (Cardenuto et al., 2023), na perspectiva das pessoas, dos usuários de redes sociais digitais e dos usos empregados por eles dessas mesmas realidades sintéticas em seu cotidiano. E isso é algo que a comunicação pode contribuir.

Teorias como *agenda-setting*, *gatekeeping* e espiral do silêncio podem nos proporcionar, por exemplo, o entendimento de como determinados conteúdos (des)informativos ganham relevância e são compartilhados nas redes sociais digitais. Pesquisas sobre letramento midiático e informacional, por outro lado, podem identificar possíveis vulnerabilidades na percepção das pessoas em relação à veracidade da informação. Já investigações de redes sociais podem mostrar o alcance e as formas como os algoritmos reforçam crenças preexistentes, aumentando assim a polarização e dificultando a contestação da desinformação dentro daquelas comunidades. Por fim, análises de discurso e semiótica podem contribuir para a identificação de padrões retóricos e estilísticos da desinformação, permitindo aos pesquisadores entenderem quais estratégias são utilizadas para deixá-las mais persuasivas.

O estudo da desinformação sintética pode ainda ser potencializado pela união de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas provenientes da comunicação e de outras áreas, como computação, linguística e ciências sociais. Uma delas é a formada entre a teoria das mediações (Martín-Barbero, 1997; 2004) e a etnografia (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011). Esse entrelaçamento teórico-metodológico já foi defendido em outro momento (Monari, 2024) para o estudo da desinformação científica em saúde, mas entendemos que ela também pode ser um bom ponto de partida para a análise da desinformação criada a partir das realidades sintéticas, uma vez ela fornece ferramentas para a compreensão das mediações culturais presentes no ecossistema de (des)informação: ou seja, os modos como os processos de comunicação integram a cultura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pesquisas sobre a desinformação criada a partir das realidades sintéticas (Cardenuto et al., 2023) ainda são incipientes. Os dados coletados demonstram que os

pesquisadores ainda se focam em uma discussão teórica sobre o tema e tendem a se concentrar em soluções tecnológicas para a sua resolução sem, no entanto, compreender as raízes do problema na perspectiva daqueles que são mais afetados por ela: as pessoas.

Diante disso, o campo da comunicação pode oferecer elementos teóricos e metodológicos para a compreensão desse fenômeno, especialmente por meio da aliança dos conhecimentos provenientes da comunicação e de outros aportes, ferramentas e métodos de áreas como computação, linguística e ciências sociais.

Por fim, é importante destacar que compreendemos que este trabalho apresenta limitações, uma vez que só foi possível fazer a pesquisa em duas bases de dados em razão do espaço. Por isso, recomendamos que outros estudos sejam feitos sobre o tema a fim de conhecer outras abordagens e ampliar a discussão sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO et al. Democracia aumentada: inteligência artificial como ferramenta de combate à desinformação. **Estudos Avançados**, v. 38, n. 111, p. 407-246, 2024.
- BARROSO, Luís Roberto; MELLO, Patrícia Perrone Campos. Inteligência artificial: promessas, riscos e regulação. Algo de novo debaixo do sol. **Revista Direito e Práxis**, v. 15, n. 04, p. 1-45, 2024.
- CARDENUTO, J. P. et al. The age of synthetic realities: Challenges and opportunities. **APSIPA Transactions on Signal and Information Processing**, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1561/116.00000138>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **Global Risks Report 2025: Insight Report**. Cologny/Geneva: World Economic Forum, 2025.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARQUES, Juliana Ferreira; ALVES, Edvaldo Carvalho. Entre regimes de informação e desinformação: modos de produção informacional na contemporaneidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 29, e-51478, 2024.
- MONARI, Ana Carolina. **Quem consome fake news consome fake news? Os usos e os sentidos atribuídos à ciência e ao jornalismo em canais sobre covid-19 no Telegram**. 2024. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2024.
- MONTORO-MONTARROSO, Andrés et al. Fighting disinformation with artificial intelligence: fundamentals, advances and challenges. **Professional de la información**, v. 32, v. 2, p. 1-16, 2023.
- MOREIRA, Daniel; Marcel, Sébastien; Rocha, Anderson. Synthetic Realities and Artificial Intelligence-Generated Contents. **IEEE Security & Privacy**, v. 22, n. 3, p. 7-10, 2024.